

SECTOR DE RECORTES DE IMPRENSA

Com um total de 13 000 associados e um orçamento anual acima dos 20 000 contos (chegou já a ter uma dotação subsidiária do Executivo de 35 000 contos, em 1984/85), a Associação Académica de Coimbra volta a ser, este mês, fruto apetecido.

ELEIÇÕES NOS PRÓXIMOS DIAS 21 E 22

Associação Académica de Coimbra - fruto apetecido

Cumprindo o habitual calendário (sempre com atraso), a AAC vai de novo às urnas: a primeira volta está marcada para 21 e 22 e a segunda para 28 e 29 deste mês.

Depois de quatro vitórias consecutivas da JSD, interrompendo o ciclo das direcções comunista e de independentes da esquerda mais radical, (de 1979 a 1982) e outras tantas da JS (de 1983 a 1986), a disputa continua a centrar-se em torno destas duas formações, protagonizadas agora por Carlos Páscoa e Benjamin Lousada, respectivamente. Apesar do concurso de listas de independentes, da JCP e da JC, habituais em anteriores eleições e que parecem reincidir este ano. Apesar, ainda, de os candidatos socialista e social-democrata recusarem -a transplantação da luta político-partidária nacional- para a associação.

Uns estão optimistas, outros expectantes, mas a maioria do eleitorado (cerca de 13 000 inscrites) está desinteressada. Na verdade, menos de 5% deste universo utiliza os mecanismos da associação ou vive os seus problemas e actividades, e, no último acto eleitoral, apenas um terço foi às urnas.

Este -desinteresse quase total- é justificado de duas maneiras diferentes. Para Paulo Pereira Coelho, presidente da distrital da JSD de Coimbra, -não há greves, não há agitação política, não há inovação, não há projectos da AAC estimuladores e, por isso, ninguém consegue mobilizar o eleitorado-. Para João Asseiro (JS) presidente cessante, há -excesso de individualismo e cerca de 20 a 30% dos estudantes não-em voluntariado e vivem fora de Coimbra, o que desmobiliza-.

Inegável interesse

Todavia, esta associação tem -um inegável interesse político,

por ser a única associação onde aparecem juntas todas as academias-. Há quem diga que ganhar as eleições na AAC é -um elemento catalisador para a vitória de outras associações estudantis-. E há quem defenda exactamente o oposto: -Ganhar a AAC é o corolário a culminar uma série de vitórias noutras estruturas de estudantes-.

Além disso, esta associação é, talvez, a mais rica de todas. O Ministério da Educação, por exemplo, atribuiu-lhe, em 1984/85, um subsídio de 35 000 contos para amortizar o passivo e viabilização económica das suas secções (administrativa, desportiva e cultural). O orçamento do ano passado movimentou muito mais de 20 000 contos, com um registo de despesas básicas mensais (30 funcionários) da ordem dos 1500 contos, para as quais o MEC contribuiu com 6500 e os Desportos com 3000 contos.

Paradoxalmente, é com esta disponibilidade financeira que alguns acenam para não arriscar prognósticos acerca dos próximos resultados eleitorais: -Tudo pode acontecer, pois há dinheiro e, com ele, uma lista patrocinada pela actual direcção socialista, pode fazer flores e promover projectos aliantes-. Dito assim, tal e qual, por socialistas-democratas coimbrões.

Ao que os socialistas reparam: -O nosso projecto não depende do dinheiro, mas da tónica que colocamos na defesa dos interesses dos estudantes, na promoção das relações com as entidades académicas, na profissionalização dos sectores da AAC e no incremento das secções de desporto e cultura-.

Subtrair apites partidários

A lista da JS, encabeçada por Benjamin Lousada, manifesta

optimismo. Tanto que está convencida de ganhar logo à primeira volta. Promete -algumas surpresas- para a campanha, a iniciar no próximo dia 15, mantendo-as -em segredo para não perder o efeito-. Convictos dos seus créditos, apontam, a título exemplificativo, -a melhor recepção ao caloiro dos últimos anos- e -a espectacular semana da Bastilha-, para lá da -acção catalítica que têm imprimido aos vários sectores da associação-.

Os jovens socialistas-democratas estão convictos também da sua vitória, logo ao primeiro -round-. Com um candidato - Carlos Páscoa - que se transferiu, há ano e meio, das fileiras da JC para a JSD, acreditam que os centristas nem sequer saiam à liça na disputa eleitoral e o apoiem desde o início. Por outro lado, sob a -ameaça- da direcção nacional da JSD de -responsabilizar política e disciplinarmente qualquer divisão-, o anterior (1985/86) candidato pirata - da JSD, Rui Rocha, não vai repetir a proeza: é vice-presidente da lista do candidato oficial da JSD, Páscoa.

Dum e doutro lado fazem-se contas, com base nos resultados da última eleição: 2561 socialistas contra 2112 socialistas-democratas no final, depois da JSD ter ganho (1474) à JS (1282) na primeira volta. Os socialistas-democratas concluem que o fenómeno de ganhar à primeira para perder à segunda volta castigará, desta vez, os socialistas. E admitem, mesmo, -ganhar logo à primeira, se os centristas aceitarem (negociação em curso) não se candidatarem e apoiarem logo Carlos Páscoa-. Os socialistas rejeitam esta linearidade de contas e acreditam que, -apesar da dispersão de votos, porque é fatal o aparecimento de listas de independentes e da JCP-, são capazes de -fazer o pleno de me-

tade mais um, logo no primeiro escrutínio-.

Seja qual for o vencedor, uma tarefa terá de assumir, por ser denominador comum das duas

forças principais em presença: -Mobilizar os estudantes académicos, transformar a AAC num motor das forças vivas da capital do Mondego e subtraí-la aos apites político-partidários,

preocupando-se substantivamente com os problemas dos jovens estudantes-.

Lúlia Marcos

As reivindicações estudantis fazem-se a partir de uma situação já de si privilegiada. Uma análise de esquerda deve partir daí.

Sempre ao lado dos estudantes!

por JOSÉ PACHECO PEREIRA



A irrupção de um movimento estudantil inesperado em França funcionou como interessante revelador de alguns mecanismos da mentalidade da nossa esquerda. Preciso já que não pretendo discutir a substância do movimento em si.

No fundo, para esta questão, é irrelevante o que os estudantes queiram, ou o significado das reformas governamentais que pretendiam combater. O que me interessa é o modo como à esquerda se reagiu ao movimento estudantil pelo próprio facto de este existir. A reacção da direita é pouco importante a não ser como reveladora de susto, medo e covardia moral, de legisladores que aceitam meter rapidamente na gaveta propostas de leis que antes consideravam necessárias e que abandonaram ao mero fantasma de uma reacção estudantil, continuando nos seus cargos impávidos e serenos.

À esquerda é mais complicado. Primeiro, por razões de ordem biográfica e geracional, dado que os actuais dirigentes da esquerda portuguesa se formaram quase todos politicamente no movimento estudantil: é o caso da actual direcção do PS e do PRD (crise de 1962) e de parte da direcção do PCP (MUDJ, crise de 62 e 69) e de muita gente avulsa vinda de todas as crises. Nem todos estiveram do mesmo lado, alguns furaram as greves, outros estiveram na MP, ou em -cursos de espiritualidade-, outros nas organizações juvenis de extrema-direita, mas tudo isto significou pertença geracional ao movimento estudantil, porque foi à volta da política que se formaram nas universidades que se formaram.

Em consequência, os anos estudantis foram todos anos de brasa e essenciais na formação de uma mentalidade de antigos combatentes que se manifesta na esquerda por duas atitudes só aparentemente contraditórias. Uma é a de nostalgia, fortemente beata, de gente que ficou encravada nos anos 60 e para quem o mundo tem estado em contínua perda desde então. Muitos dos representantes desta variedade de -amigos de Alex- fecham os olhos a tudo o que mudou nos últimos 20 anos e comportam-se como se houvesse qualquer qualidade ética em ficar sempre do -contra-, mesmo quando aquilo -contra- o qual se foi já não exista nos dias de hoje. Muita da comunicação social portuguesa está cheia desta postura que lhe dá um particular sabor retro.

A outra atitude, que tem crescido principalmente nos meios da -esquerda democrática-, é a de um complexo masoquismo em relação ao passado, que faz da autolagação um instrumento de identidade política. Um dos estranhos

resultados desta atitude é o carinho e a pressa com que gente que teve passado na década de 60 repete os slogans que os transformaram em papas um pouco retardados, e a obra do seu tempo num inepto exercício de adolescência política.

O que há de comum nestas atitudes é a falta de uma saudável relação com o passado, uma falta de respeito consigo próprios e, no fundo, a enorme vontade de não se crescer, de se ser eternamente adolescente.

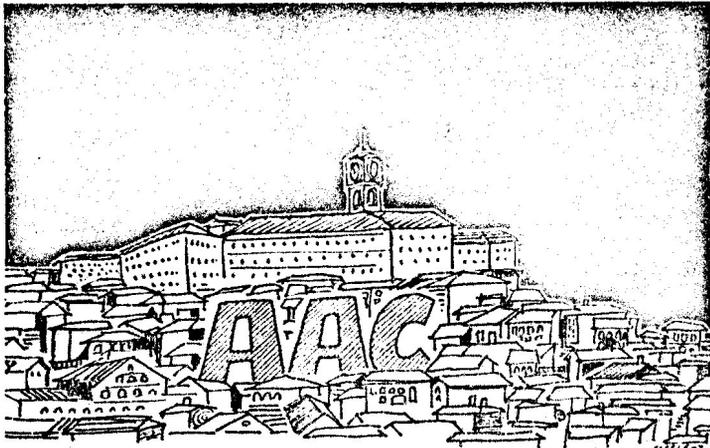
O segundo aspecto desta questão tem a ver com a urgente necessidade que a esquerda tem de encontrar, neste passo difícil da sua história, quaisquer agentes sociais que a legitimem. Já não se cuida muito dos objectivos expressos ou latentes de uma movimentação social: se há movimento, tudo bem, tudo muito de esquerda, tal é a falta de corpo que a alma da esquerda tem tido nestes tempos. Como se gritava no passado, «sempre, sempre ao lado do povo» (ou da classe operária) possa ouvir-se no silêncio dos pensamentos da nossa esquerda um -sempre, sempre ao lado dos estudantes-.

De todos os movimentos estudantis, o que é mais alheio a esta euforia de esquerda é o chinês, que é o que politicamente é mais importante, porque os seus objectivos são os mais transformadores. Desinteressando-se da luta pela democracia num país totalitário, a esquerda alinha às cegas em tudo o que é reivindicação corporativa numa democracia ocidental. Pouco lhe importa que a condição estudantil seja uma condição de privilégio, um estado de graça quase sempre alimentado pelo dinheiro paterno e por uma benevolência de todos os contribuintes para apenas uma pequena parte deles. Esquece-se que na universidade uma esmagadora maioria de estudantes, cujas posses familiares permitiriam pagar o ensino pelo seu justo preço, estuda de graça à custa de portugueses cujos filhos nunca torão tais privilégios.

Sejam justas ou não as reivindicações estudantis - e não é isso que está em causa -, elas fazem-se a partir de uma situação já de si privilegiada e isso devia ser o ponto de partida de qualquer análise de esquerda.

É evidente que há mais alguma coisa e essa alguma coisa é do domínio dos sentimentos, o que significa que em política deve ser pegada com pinças a enorme distância. Ser estudante é ser jovem, é, como dizia Nizan, -terrível-, e quem tem tal sentimento não deixa de levar tudo à frente com o seu excesso. Mas isso não significa que se tenha razão e o mais provável é não tê-la.

Deve-se por isso abandonar essa caquética reverência da nossa velha esquerda, pela juventude, porque não há nenhum cómputo histórico que pese para o lado da juventude nas realizações humanas, como o não há aliás para qualquer outra idade.



Organização estudantil - storages - e mais